ISSN: 2358-8829

# GINCANA LITERÁRIA CULTURAL E O PROTAGONISMO SURDO

Wender Paulo de Almeida Torres [1]
Thayany Pereira da Silva [2]
Evelin da Silva dos Santos [3]
Claudiana Ribeiro dos Santos Andrade [4]
Samara Cavalcanti da Silva [5]

## INTRODUÇÃO

A participação dos estudantes surdos nas atividades culturais da escola implica reconhecer que o direito à educação não se limita ao acesso às aulas e aos conteúdos curriculares. Esse direito também se expressa nas oportunidades de criar, interpretar, apresentar produções artísticas e participar das decisões coletivas que organizam a vida escolar. Em uma comunidade educativa em que predominam práticas comunicacionais orientadas pela língua portuguesa oral, propostas literárias e cênicas podem reproduzir barreiras linguísticas quando não consideram a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Por outro lado, sua organização pode abrir possibilidades de encontro entre formas distintas de narrar, perceber e construir sentidos.

A relação entre literatura, visualidade e experiência surda oferece fundamentos para examinar essas possibilidades. Karnopp (2008) discute a produção literária em língua de sinais, suas formas de transmissão e os processos de registro e circulação das narrativas surdas. Costa e Ribeiro (2018), ao analisarem representações da surdez na literatura, demonstram a relevância das produções literárias para a expressão de experiências e sentidos atribuídos à condição surda. Essas contribuições permitem pensar as atividades culturais escolares como espaços em

[1]Mestrando em Educação Inclusiva (PROFEI), Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: wender.patorres@professor.educacao.pe.gov.br.

[2]Graduanda em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: thayany.silva.2023@alunos.uneal.edu.br.

[3]Graduanda em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: evelin.santos.2023@alunos.uneal.edu.br.

[4]Mestranda em Educação Inclusiva (PROFEI), Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: claudiana.andrade.profei.t5@alunos.uneal.edu.br.

[5]Professora orientadora, doutora em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e professora adjunta da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: samaramelo@uneal.edu.br.

ISSN: 2358-8829

disputa: podem preservar formas de representação exclusivamente ouvintes ou criar condições para que a Libras e os sujeitos surdos participem efetivamente da elaboração das narrativas.

Também no campo das artes, os estudos de Macedo (2021) e Andrade, Matos e Dessbesel (2023) ressaltam as relações entre expressão artística, comunicação e cultura surda. O primeiro texto discute a presença da arte na afirmação de identidades e nas possibilidades de circulação de experiências culturais surdas. O segundo investiga o ensino de Arte em uma escola bilíngue, com participantes de outra etapa escolar, e contribui para refletir sobre a necessidade de práticas que valorizem a expressão, os sentidos e as formas de comunicação dos estudantes surdos. Embora apresentem diferentes objetos de pesquisa, essas produções sustentam uma questão comum: atividades artísticas não são neutras em relação à língua por meio da qual são planejadas e vivenciadas.

Este artigo tem como ponto de partida a experiência da GLiC – Gincana Literária Cultural, realizada na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Henrique Dias. Conforme o relato que fundamenta este trabalho, a iniciativa foi orientada à leitura literária, à criatividade, às apresentações artísticas e à produção cultural, com a participação de estudantes de duas turmas do 2º ano e três turmas do 3º ano do Ensino Médio. As equipes desenvolveram atividades de leitura, seleção de obras, preparação de cenas, ensaios e performances. Nesse conjunto de ações, ganhou destaque uma diretriz do edital que previa pontuação adicional para apresentações com interpretação em Libras realizada por integrante da própria equipe.

A previsão de pontuação para a presença da Libras provocou um deslocamento no planejamento das apresentações: a acessibilidade linguística passou a integrar, ao menos na forma de incentivo, os critérios de organização da atividade cultural. O resumo original registra, ainda, a atuação de um estudante surdo do 3º ano, que participou da construção das cenas e da interpretação em Libras. Sua presença ativa na produção das performances constitui o principal elemento da experiência a ser discutido, não como acontecimento excepcional ou exemplo de superação individual, mas como participação estudantil que reúne saber linguístico, criação cultural e colaboração com os colegas.

Nesse sentido, a questão que orienta a reflexão é: de que modo a inclusão da Libras na organização de uma gincana literária cultural pode favorecer o protagonismo de um estudante surdo e ampliar as discussões sobre acessibilidade e participação escolar? O objetivo geral é analisar, a partir do relato da GLiC, a relação entre práticas culturais escolares, interpretação em Libras e protagonismo surdo. Especificamente, busca-se caracterizar os aspectos documentados da experiência, discutir as interfaces entre literatura, arte e visualidade e interpretar as repercussões observadas na comunidade escolar.

ISSN: 2358-8829

A relevância da proposta reside no reconhecimento de que a inclusão nas atividades culturais também demanda escolhas pedagógicas. Em uma gincana, a valorização de determinadas linguagens, a distribuição de papéis nas equipes e os critérios de avaliação participam da construção do que é reconhecido como produção legítima.

Ao analisar a experiência, pretende-se contribuir para o debate sobre ações que deixem de tratar a Libras como elemento acessório e passem a considerá-la na concepção das atividades. O artigo apresenta, a seguir, a metodologia do relato, seu referencial teórico, a discussão dos resultados registrados e as considerações finais.

## METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se como relato de experiência pedagógica de natureza descritiva e reflexiva. O registro inicial sintetiza a realização da gincana, seus propósitos, as etapas gerais de organização, um dispositivo do edital e as repercussões percebidas. Desse modo, o texto descreve uma ação educativa situada e a interpreta à luz da literatura acadêmica selecionada, classificando apenas como uma ação da pesquisa qualitativa, a partir da observação etnográfica e da construção do relato de experiência.

O cenário foi a EREM Henrique Dias, no âmbito da GLiC – Gincana Literária Cultural. O público participante compreendeu estudantes de duas turmas do 2º ano e de três turmas do 3º ano do Ensino Médio, organizados em equipes. Segundo o resumo da experiência, as atividades envolveram leitura literária, criação artística, interpretação cênica e produção cultural. A organização pedagógica contemplou orientação coletiva, escolha de obras, preparação das apresentações, ensaios e construção das performances. Não há, no registro recebido, indicação do número total de estudantes, da data de realização ou do conjunto das obras selecionadas; por isso, esses dados não são acrescentados.

O aspecto que orientou a seleção do recorte analítico foi a previsão, no edital, de pontuação adicional para apresentações com interpretação em Libras realizada por um integrante da própria equipe. Essa regra inseriu a acessibilidade linguística entre os elementos valorizados pela gincana e permitiu abordar a relação entre critérios de participação, organização coletiva e reconhecimento da língua de sinais. O relato registra a participação de um estudante surdo do 3º ano tanto na construção das cenas quanto na interpretação em Libras. Não se presume que esse estudante tenha sido o intérprete de todas as apresentações, nem se atribuem a ele tarefas, declarações ou responsabilidades além das mencionadas.

ISSN: 2358-8829

Para a exposição e a discussão da experiência foram definidos três eixos de leitura, construídos a partir dos elementos documentados: (a) o edital e a incorporação da Libras como critério de valorização das performances; (b) a criação literária e cênica em diálogo com visualidade e diversidade linguística; e (c) o protagonismo do estudante surdo, a participação das equipes e as repercussões observadas. Tais eixos organizam a argumentação deste artigo.

Quanto às repercussões, o resumo registra maior interesse de estudantes em conhecer Libras, percepção de fortalecimento do pertencimento do estudante surdo e sensibilização da comunidade escolar quanto à inclusão linguística. Esses elementos são tratados como observações da experiência, sem transformar percepções em indicadores quantitativos ou em comprovação de aprendizagem.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A interpretação da experiência parte de três aproximações teóricas. A primeira examina a literatura surda como produção cultural e linguística, distinguindo-a da simples presença de tradução em Libras em obras concebidas em outras línguas. A segunda considera a arte e a visualidade como dimensões das práticas escolares e da construção de sentidos. A terceira discute o protagonismo surdo associado ao lugar ocupado pelos estudantes nas decisões, na autoria e na circulação de produções culturais. A combinação dessas perspectivas ajuda a avaliar tanto as possibilidades quanto os limites de uma gincana literária inclusiva.

### Literatura surda, língua de sinais e produção de sentidos

Karnopp (2008) compreende a literatura surda em relação às histórias narradas em língua de sinais, às experiências culturais e às formas de registro de produções visuais. Ao retomar sua constituição histórica, assinala que a ausência de registros escritos ou audiovisuais não equivale à inexistência de narrativas partilhadas entre pessoas surdas. A circulação de histórias, poemas e experiências em sinais precede os meios contemporâneos de gravação, e a ampliação de possibilidades tecnológicas contribuiu para sua preservação e difusão. Trata-se, portanto, de uma tradição cuja materialidade e cuja organização não podem ser simplesmente equiparadas às da literatura impressa em português.

Ao descrever essa tradição, Karnopp (2008, p. 2) afirma: “Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais”. A formulação reforça que a produção literária envolve a língua de sinais como meio de criação, e não apenas como tradução posterior de um conteúdo já concluído. A distinção importa para a análise de atividades escolares: uma apresentação originalmente organizada em português e acompanhada de interpretação em Libras pode constituir uma

ISSN: 2358-8829

iniciativa relevante de acessibilidade, mas não deve ser identificada automaticamente como obra de literatura surda. O reconhecimento da autoria, do processo criativo e das referências culturais da produção é necessário para evitar essa equivalência.

Garcia (2026) sistematiza conceitos, classificações e perspectivas históricas da literatura surda a partir de autores do campo, destacando a relação entre linguagem verbo-visual, identidade e representação cultural. O estudo permite compreender que obras produzidas por sujeitos surdos, adaptações e traduções de narrativas apresentam percursos distintos e precisam ser descritas com precisão. Para a experiência da GLiC, essa contribuição oferece uma orientação analítica: o contato da comunidade escolar com a Libras pode abrir possibilidades de valorização das narrativas em sinais, sem que isso autorize afirmar que o conjunto das performances realizadas tenha constituído produção literária surda em sentido estrito.

Costa e Ribeiro (2018) investigam representações da surdez em produções literárias e enfatizam a literatura como fonte para compreender perspectivas históricas, identitárias e culturais. Ao evidenciarem experiências de pessoas surdas e de familiares em narrativas, as autoras mostram que a representação não é apenas uma escolha estética: envolve os sujeitos que narram, as imagens mobilizadas e as posições sociais atribuídas à surdez. Em um evento pedagógico que prevê leitura e encenação, refletir sobre quem seleciona as obras, quem constrói as cenas e de que modo a diferença linguística é apresentada torna-se relevante para uma abordagem efetivamente inclusiva.

Em decorrência dessas discussões, o protagonismo estudantil não se reduz à presença de uma pessoa surda no palco. A participação cultural ganha maior consistência quando se reconhece a possibilidade de o estudante colaborar na elaboração de sentidos, interferir nas escolhas expressivas e compartilhar conhecimentos da língua de sinais. As fontes analisadas não permitem medir o grau de autonomia de cada participante da GLiC, mas ajudam a identificar por que a atuação do estudante surdo na construção das cenas merece atenção, ao deslocar sua posição da recepção passiva para a contribuição ativa no trabalho coletivo.

**Arte, visualidade e educação de surdos**

Macedo (2021), ao discutir arte e educação na cultura surda, relaciona experiências artísticas à expressão cultural, à imaginação e à afirmação de identidades. Sua abordagem bibliográfica permite compreender a arte como possibilidade de circulação de saberes e de comunicação, sem reduzir a produção artística surda a um recurso auxiliar da aprendizagem escolar. Para eventos culturais, essa perspectiva aponta a importância de reconhecer produções

ISSN: 2358-8829

visuais e cênicas como espaços legítimos de construção simbólica e de encontro entre estudantes surdos e ouvintes.

Em investigação realizada em uma escola bilíngue, Andrade, Matos e Dessbesel (2023) analisam o ensino de Arte para crianças surdas e discutem sua contribuição para a expressão de sentimentos, a comunicação e a construção de significados. A pesquisa apresenta um contexto educacional diferente daquele da GLiC, pois aborda crianças dos anos iniciais em escola bilíngue, e não uma gincana do Ensino Médio. Ainda assim, oferece um fundamento pertinente: as linguagens artísticas exigem condições efetivas de acesso e participação, e sua dimensão visual pode ser mobilizada pedagogicamente sem supor que todos os estudantes aprendam ou se expressem da mesma maneira.

Franco (2022), ao propor reflexões sobre o ensino de literatura por meio de materiais didáticos bilíngues, atribui importância às práticas de contação de histórias acessíveis em Libras e em língua portuguesa. A autora discute uma proposta envolvendo uma fábula em vídeo. Sua contribuição, nesse recorte, reside na relação estabelecida entre mediação literária, materiais acessíveis e possibilidade de interação entre estudantes. A articulação dessas referências permite reconhecer que uma performance cultural acessível não depende apenas da intenção de incluir, mas da preparação das linguagens e dos recursos mobilizados.

A combinação dos estudos de Macedo (2021), Andrade, Matos e Dessbesel (2023) e Franco (2022) fornece subsídios para pensar a visualidade em termos pedagógicos, linguísticos e artísticos. A presença da Libras em uma cena não deve ser compreendida como ornamento ou mera tradução simultânea indiferente ao texto cênico. O uso do espaço, os tempos de apresentação, os posicionamentos e as condições de visibilidade podem afetar a experiência de participação. Essas questões são propostas como critérios reflexivos para o aprimoramento de iniciativas semelhantes, e não como características comprovadamente observadas em todas as apresentações da gincana.

**Inclusão, participação cultural e protagonismo estudantil**

Nascimento, Melo e Araújo Neto (2018), em estudo de estado da arte sobre educação e surdez, identificam a presença recorrente de temas como inclusão, leitura e escrita na produção acadêmica examinada. O levantamento, delimitado a trabalhos de 2005 a 2015, permite constatar a relevância dessas discussões, mas também problematiza a distância entre a recorrência temática e o avanço concreto das propostas educacionais. Esse alerta é oportuno para o debate de práticas escolares: iniciativas anunciadas como inclusivas precisam ser

ISSN: 2358-8829

avaliadas não apenas pelo discurso que as acompanha, mas pelas condições de participação que de fato oferecem.

A ideia de protagonismo adotada neste artigo refere-se à atuação concreta do estudante na ação pedagógica: construir cenas, participar de apresentações, compartilhar formas de expressão e ocupar um lugar reconhecido em sua equipe. Tal compreensão não depende de atribuir ao aluno características pessoais que o relato não informa, nem de afirmar, sem evidência, que tenha deliberado sobre o edital ou conduzido toda a organização do evento. Trata-se de examinar uma possibilidade pedagógica indicada pela própria experiência, na qual a presença de um estudante surdo se articula à produção cultural e à comunicação em Libras.

Os estudos reunidos sugerem, portanto, que a inclusão linguística não pode ser considerada uma etapa acrescentada ao término do processo criativo. A reflexão sobre literatura, artes e sujeitos surdos reforça a importância de pensar a acessibilidade desde a seleção das obras e a concepção das atividades, considerando a criação colaborativa, os recursos visuais e a escuta das pessoas diretamente envolvidas. A GLiC possibilita discutir esse movimento sem que seja necessário transformá-la em modelo universal ou desconsiderar as particularidades de sua realização.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da experiência se concentra nos resultados registrados da GLiC e os aproxima dos referenciais apresentados. Três movimentos são examinados: a instituição de um incentivo à Libras no edital, as possibilidades abertas pelas performances literárias e cênicas e o protagonismo de um estudante surdo nas atividades coletivas. Essa organização permite discutir os sentidos pedagógicos do trabalho e seus limites documentais, sem inventar quantitativos, depoimentos ou situações específicas não descritas.

### O edital como incentivo à acessibilidade linguística

O primeiro elemento a destacar é a previsão de pontuação adicional para apresentações com interpretação em Libras realizada por integrante da equipe. A inserção desse critério no edital é relevante porque faz com que a acessibilidade seja considerada por grupos que preparam uma atividade cultural, e não apenas por um profissional situado à margem da produção. A regra sinaliza à comunidade escolar que a participação de estudantes surdos e a presença da língua de sinais devem ser lembradas na organização das performances. Do ponto de vista pedagógico, seu potencial reside em deslocar a atenção da apresentação concluída para as escolhas feitas durante o planejamento coletivo.

ISSN: 2358-8829

A previsão de pontos, contudo, não autoriza afirmar que todas as apresentações tenham sido plenamente acessíveis ou que os integrantes das equipes tenham alcançado competência para interpretar. O resumo não informa critérios para avaliação da qualidade da interpretação, condições de preparo linguístico ou formas de acompanhamento das performances. Essa ausência recomenda cuidado: uma medida de incentivo pode favorecer a aproximação dos estudantes com a Libras, mas não substitui o compromisso institucional com a acessibilidade. A análise precisa diferenciar a existência comprovada da regra e os resultados que, sem registros adicionais, não podem ser demonstrados.

A reflexão de Franco (2022) sobre materiais bilíngues ajuda a compreender por que traduzir ou apresentar narrativas em língua de sinais pressupõe planejamento. A organização de conteúdos literários acessíveis envolve escolhas comunicacionais e recursos adequados às pessoas a quem se destinam. De modo complementar, Garcia (2026) permite observar a diferença entre disponibilizar uma narrativa em Libras, adaptar uma obra e produzir literatura surda. Assim, o incentivo presente no edital pode ser reconhecido como um passo de sensibilização, ao mesmo tempo em que abre a necessidade de refletir sobre a qualidade e a continuidade das práticas acessíveis.

Ao transpor a discussão para o cotidiano escolar, importa evitar duas interpretações extremas. Não seria correto desvalorizar a regra por não representar, sozinha, uma política abrangente de educação bilíngue; tampouco seria adequado tratá-la como garantia suficiente de inclusão. O registro da experiência permite reconhecer uma escolha concreta de valorização da Libras em um evento escolar. Sua relevância está relacionada ao lugar que a língua passa a ocupar nas ações das equipes, embora seus efeitos devam permanecer circunscritos às observações disponíveis.

**Literatura, criação cênica e diversidade de linguagens**

A GLiC reuniu leitura, seleção de obras, criação artística, ensaios, interpretação cênica e apresentações, organizados em atividades coletivas. Essa composição aproxima a literatura de linguagens expressivas que mobilizam corpo, espaço e visualidade. Na perspectiva de Macedo (2021), a arte pode favorecer a comunicação de experiências culturais e a expressão de identidades. As contribuições de Andrade, Matos e Dessbesel (2023), embora produzidas em outro contexto escolar, ajudam a reconhecer a potência das artes como práticas de expressão e produção de significados para estudantes surdos.

A inclusão da Libras nessa dinâmica não deve ser compreendida apenas como a inserção de sinais em um roteiro preexistente. A interpretação em apresentações cênicas convoca atenção

ISSN: 2358-8829

à articulação entre linguagem verbal, ação corporal e temporalidade da cena. A literatura sobre produções surdas, especialmente Karnopp (2008) e Garcia (2026), oferece fundamentos para reconhecer a especificidade da língua de sinais e das narrativas verbo-visuais. No entanto, como não foram apresentadas as obras, os roteiros ou os registros das performances, este artigo não classifica as encenações como poemas sinalizados, adaptações literárias ou criações originais em Libras.

Essa delimitação não reduz a importância da experiência. Pelo contrário, impede que o conceito de literatura surda seja empregado indiscriminadamente como sinônimo de qualquer atividade com uma pessoa surda ou com interpretação em Libras. Costa e Ribeiro (2018) apontam a relevância de considerar as representações da surdez e a autoria das narrativas; a partir dessa abordagem, torna-se possível perguntar quais experiências são narradas e quais posições os sujeitos surdos ocupam na produção cultural. No caso da GLiC, o dado disponível mais consistente é a participação de um estudante surdo na construção das cenas, que evidencia uma dimensão de colaboração criativa.

Há, portanto, uma contribuição pedagógica que independe de declarar a realização de uma oficina de literatura surda: a gincana criou oportunidade para relacionar a prática literária à diversidade linguística em um espaço coletivo de ensino médio. A descrição da ação indica contato de estudantes com a Libras e participação em performances que valorizavam sua presença. Para ampliar essa experiência em futuras edições, poderiam ser previstos momentos de apreciação de produções de autores surdos, debate sobre obras em Libras e participação direta de estudantes surdos na escolha das narrativas.

**O protagonismo do estudante surdo e os resultados observados**

A presença ativa de um estudante surdo do 3º ano foi um dos aspectos centrais do relato. Ele participou da construção das cenas e da interpretação em Libras, contribuindo para ampliar a dimensão visual e bilíngue das performances. Essa atuação permite discutir uma mudança de posição pedagógica: em vez de aparecer exclusivamente como destinatário de uma adaptação, o estudante integrou o processo criativo. A relevância desse movimento está na contribuição que ele ofereceu às atividades coletivas, sem que seja necessário romantizar a experiência ou presumir que o papel desempenhado represente toda a diversidade das vivências surdas na escola.

O estudo de Nascimento, Melo e Araújo Neto (2018) permite situar a experiência no debate mais amplo sobre inclusão e leitura, destacando a necessidade de examinar os efeitos concretos das práticas educacionais. Em direção próxima, Costa e Ribeiro (2018) contribuem

ISSN: 2358-8829

para pensar a representação da pessoa surda como sujeito que narra e participa da construção de sentidos. Ao mobilizar essas perspectivas, entende-se que o protagonismo registrado na GLiC está relacionado não à simples visibilidade do estudante em uma apresentação, mas à sua inserção no trabalho de criação e interpretação. Esse é o fato descrito que sustenta a discussão.

Os resultados apresentados são de natureza observacional: maior interesse dos estudantes em conhecer a Libras, fortalecimento percebido do sentimento de pertencimento do estudante surdo e sensibilização da comunidade escolar sobre inclusão linguística. Esses registros indicam repercussões favoráveis da experiência e dialogam com a tese de que eventos culturais podem contribuir para ampliar a circulação da língua de sinais na escola.

Também é importante distinguir pertencimento e participação. O primeiro é mencionado no relato como percepção sobre a experiência do estudante surdo; o segundo encontra respaldo direto na descrição de sua atuação na construção das cenas e na interpretação em Libras. A partir do depoimento do próprio estudante, é possível atribuir-lhe uma avaliação pessoal da gincana, narrar sentimentos específicos ou concluir que a escola tenha eliminado todas as barreiras comunicacionais. A análise do protagonismo, assim, considera simultaneamente as oportunidades identificadas e o cuidado ético de não falar em nome do participante para além do que foi documentado.

A articulação entre as fontes bibliográficas sugere que práticas culturais inclusivas precisam reunir planejamento, possibilidade de participação e reconhecimento de diferentes linguagens. A gincana permite observar uma iniciativa que valorizou a Libras no edital e contou com atuação expressiva de estudante surdo. Para que experiências semelhantes sejam fortalecidas, é pertinente prever acessibilidade ao longo do processo, formação ou orientação linguística adequada, registro dos procedimentos e avaliação com participação dos próprios estudantes. Essas ações são apontadas como caminhos de aprimoramento e resultados já alcançados pela GLiC.

Em síntese, a principal contribuição da experiência está em demonstrar a possibilidade de inserir o debate sobre acessibilidade linguística no núcleo organizador de uma atividade literária e cultural. O incentivo previsto no edital, a participação colaborativa e a presença de um estudante surdo na produção das cenas constituem aspectos concretos do relato. As observações de interesse pela Libras e sensibilização escolar reforçam a pertinência da iniciativa.

ISSN: 2358-8829

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da GLiC – Gincana Literária Cultural, realizada na EREM Henrique Dias, evidencia a possibilidade de articular leitura, criação artística e preocupação com acessibilidade linguística no Ensino Médio. A previsão de pontuação adicional para apresentações com interpretação em Libras realizada por integrantes das equipes colocou essa língua entre os elementos considerados na organização de performances culturais. O protagonismo de um estudante surdo do 3º ano, que participou da elaboração das cenas e da interpretação em Libras, constitui a expressão mais significativa dessa proposta no relato disponível.

O objetivo do trabalho foi contemplado na medida em que o registro da experiência permitiu discutir o incentivo à Libras, os sentidos pedagógicos da criação coletiva e a atuação de um estudante surdo na produção cultural. As referências de Karnopp (2008), Costa e Ribeiro (2018) e Garcia (2026) contribuíram para diferenciar literatura surda, tradução e práticas de acesso a narrativas; Macedo (2021), Franco (2022) e Andrade, Matos e Dessbesel (2023) fundamentaram a reflexão sobre arte, mediação e visualidade. Nascimento, Melo e Araújo Neto (2018) auxiliaram a situar criticamente o debate educacional, sem confundir a frequência do tema inclusão com sua efetivação.

Os resultados observados no resumo — interesse ampliado pela Libras, sensibilização da comunidade escolar e fortalecimento percebido do pertencimento — devem ser compreendidos como registros de uma ação situada. Em respeito a esses limites, não se atribuem ao estudante depoimentos ou sentimentos específicos e não se afirma que a atividade tenha produzido, por si, inclusão linguística permanente.

A experiência sugere, por fim, que a acessibilidade cultural pode ganhar consistência quando integra o planejamento das ações e quando estudantes surdos encontram espaços reais de participação criativa. Para as próximas edições de projetos semelhantes, recomenda-se ampliar o diálogo com estudantes surdos na elaboração do edital, oferecer condições adequadas de preparação em Libras, documentar as apresentações e recolher avaliações dos participantes. O fortalecimento dessas práticas pode contribuir para que gincanas e outros projetos literários deixem de tratar a diferença linguística como exceção e reconheçam a participação surda como parte constitutiva da cultura escolar.

**Palavras-chave:** Inclusão; Libras; Narrativa visual; Surdidade; Protagonismo.

ISSN: 2358-8829

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Renan de Bastos; MATOS, Eloiza Aparecida Silva Ávila de; DESSBESEL, Renata da Silva. A educação de surdos e o ensino de arte no contexto da escola bilíngue. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 36, e72147, 2023. DOI: https://doi.org/10.5902/1984686X72147.

COSTA, Bianca Silva Lopes; RIBEIRO, Sátila Souza. A representação da surdez na literatura: vivências e experiências de surdos e familiares de surdos. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 54, p. 101-121, 2018.

FRANCO, Maria Veronica Rodrigues. Ensino de literatura para alunos surdos: a arte de aprender através de materiais didáticos bilíngues. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Cabedelo, 2022.

GARCIA, Luis Eduardo Veloso. Literatura surda: a arte de uma cultura verbo-visual. Contemporanea: Comunicação e Cultura, Salvador, v. 24, ID 71906, 2026. DOI: https://doi.org/10.9771/contemporanea.v24i1.71906.

KARNOPP, Lodenir. Literatura surda. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Material didático do curso de Licenciatura em Letras-Libras, modalidade a distância.

MACEDO, Yuri Miguel. Arte e educação na cultura surda. Revista AEC&D: Arte, Educação, Comunicação & Design, Manaus, v. 2, n. 3, p. 1-17, 2021.

NASCIMENTO, Dionise Bernardino do; MELO, Rosangela Maria da Silva; ARAÚJO NETO, Humberto Meira de. Estado da arte sobre educação e surdez. Saberes Docentes em Ação, Maceió, v. 4, n. 1, p. 82-97, abr. 2018.